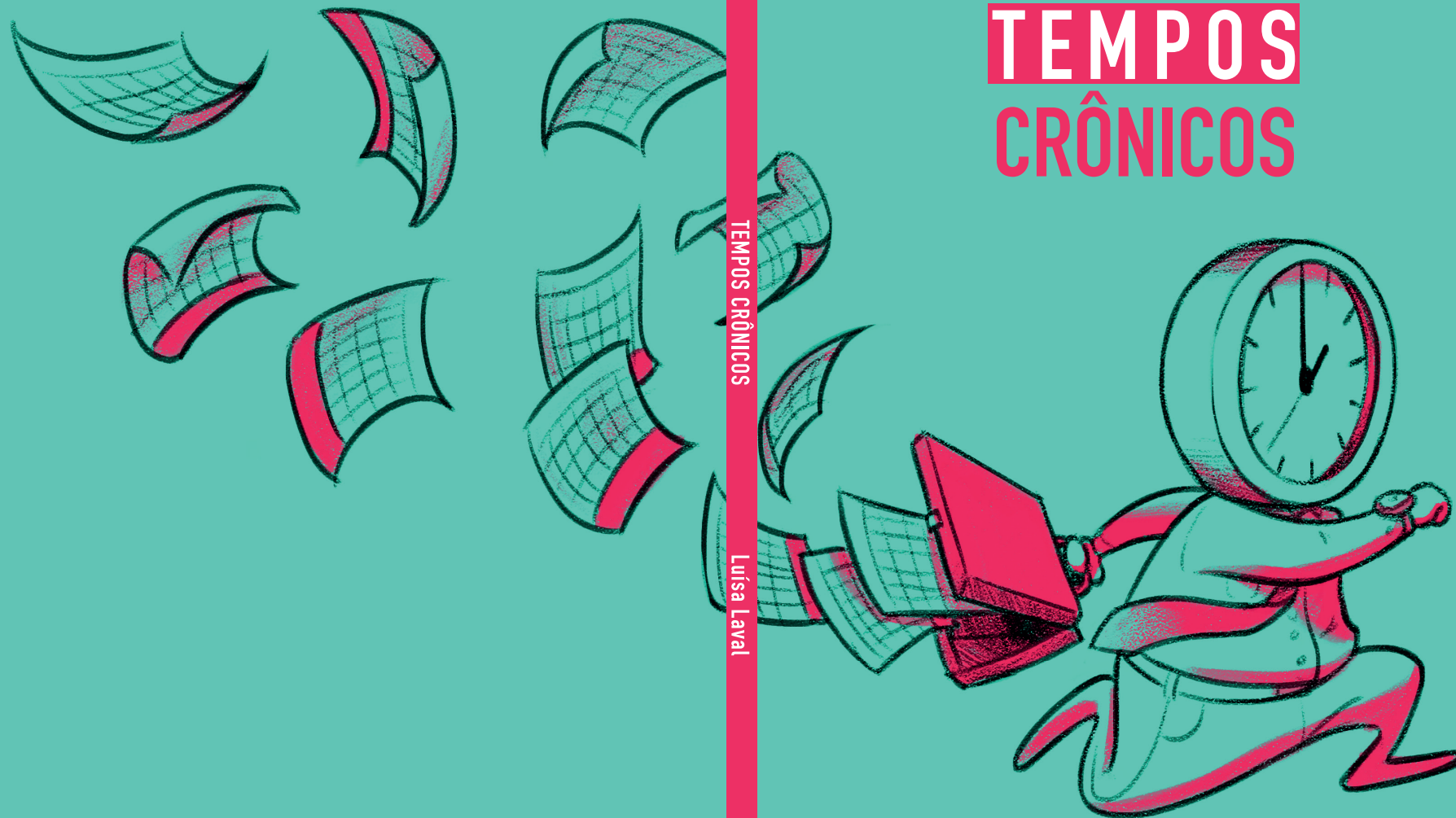


episódios que poderiam ocorrer na vida de qualquer um de nós. O leitor tem a chance de se aventurar por 12 crônicas, mais ou menos parecidas com sua vida, que propõem diferentes vivências ao longo dos meses que se passam em um ano. Resta saber se esse tempo de leitura vai passar rápido ou devagar. Talvez seja imprevisível, assim como a sensação da passagem do tempo.

Luísa Avanci Laval estudou Jornalismo na Universidade de Brasília (UnB). Apesar de não fazê-lo tanto quanto gostaria, adora escrever textos em prosa e verso. Apaixonada por crônicas de Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles, começou escrevendo crônicas para festejar momentos da família e de amigos. Tempos Crônicos foi a primeira aventura fora das quatro paredes de casa e, quem sabe, a primeira de outras publicações.



TEMPOS CRÔNICOS

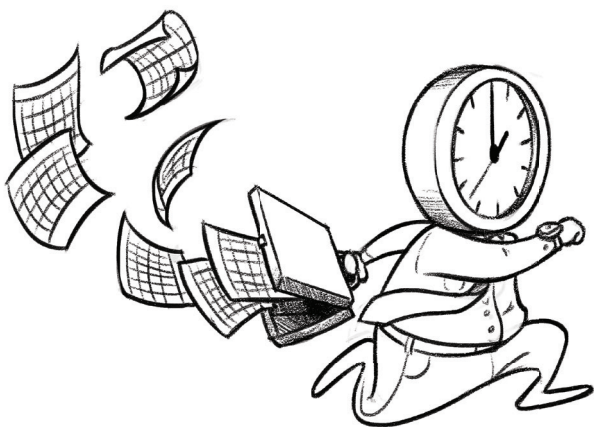
TEMPOS CRÔNICOS

Luísa Laval

Luísa Laval

Este livro nasceu de uma inquietação de uma estudante de Jornalismo, que se perguntava como as relações humanas se tornam cada vez mais líquidas atualmente. Depois, acabou sendo guiada por outros ventos, os quais a levaram para uma questão ainda mais radical: por que nos inserimos em um ciclo de aceleração? Descobriu que esse processo não se encontra apenas nas relações, mas impacta na nossa forma de trabalhar, escrever, descansar (ou tentar, pelo menos), comunicar e pensar. Cada um desses aspectos influencia direta ou indiretamente cada um de nossos atos, desde o acordar até se fechar os olhos. Tornamo-nos escravos do relógio, como engrenagens que seguem o ritmo de um mecanismo.

Tempos Crônicos tornou-se um trabalho de conclusão de curso por causa da relevância que o tempo ganhou (e tem ganhado) em nossas vidas. Estas páginas buscam ilustrar o dia a dia do cidadão médio, o qual vive momentos de alegria ou tristeza, emoção ou tédio, a partir de



Título

Tempos crônicos

Copyright© 2019

Luísa Laval

Ilustrações capa e miolo

Juliana Iasi

Capa e Diagramação

Ana Carolina Lourenço

Revisão

Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

(Este livro segue as novas regras do

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.)

Tal como acontece na poesia, a crônica também ensina que o homem se encontra no que está fora do homem. Como já disse outro mineiro ilustre, para viver é preciso ser mágico - a que acrescentamos: ou poeta e cronista.

Jorge de Sá

*Aos meus pais e irmãos, por sempre me apoiarem nos
meus sonhos e maluquices
Ao Lajedo e ao Jacamar, por me darem todo o suporte
necessário para seguir em frente
Ao Pedro e à Rafiza, por terem me guiado na
Universidade e me apresentarem um novo olhar.*

I Ano Novo, vida velha **7**

II Folia tardia **9**

III Mindset **13**

IV Conflito Intergeracional **16**

V Rotina **19**

VI Quadrilha **23**

VII Colônia de férias 26

VIII Procura-se um feriado 29

IX Anseios de liberdade 31

X Infanticídio 34

XI Trânsito 37

XII Crash na bolsa 41

TEMPOS CRÔNICOS

Luísa Laval

ANO NOVO

vida velha

janeiro



I

TODA VIRADA DE ANO a mesma história: “Adeus, ano velho... Feliz ano novo...” cantado por aquelas vozes irritantemente alegres! Já não bastassem as milhares de confraternizações ao longo de todo o mês de dezembro!

A pobre moça desapaixonada pede apenas uma coisa para este ano que chega: um príncipe encantado. Já o impetuoso espírito empreendedor é mais esperto e não pede, planeja: expandir a lojinha do bairro. O idoso de bengalinha não hesita: pede saúde, aquela que perdeu há décadas. A gordinha: uns quilinhos a menos. O funcionário de plantão durante a festa: uma folga...

Nem só de pedidos vive o homem, mas de metas que saem de não sei aonde. Quem nunca fez uma listinha de propósitos para o ano novo, atire a primeira pedra! Não havendo ninguém, faça outro desafio: quem tiver cumprido ao menos um desses objetivos, erga essa pedra como um troféu, pois será o único.

Se alguém ganha com esse tal de Réveillon (ou reveiÓN, segundo linguagem popular), com certeza são as lojas de roupas brancas. Multidões de desavisados vestem o uniforme da loucura para, de um segundo para o outro, receberem as bênçãos do tempo. Contagem regressiva, champanhe, fogos, abraços, e lá vem a musiquinha de novo! Em Copacabana, o povo vai à loucura. Na TV, imagens do mundo inteiro fazendo lindos desenhos no céu com pólvora colorida. Dessa vez, tudo será diferente, as coisas vão melhorar, a paz reinará...

No dia seguinte, ninguém lembra onde deixou a listinha de propósitos. Caso recorde de algum, diz a si mesmo: “Vamos com calma! Vou ter o ano inteiro para pensar nisso!”

Sem pressa. Afinal, o ano só começa depois do Carnaval.

Folia tardia

fevereiro



AGORA QUE TUDO COMEÇA a andar: após um mês e meio da virada do ano, chega o Carnaval e, com ele, o samba, as cores, a farra, o álcool e o feriado emendado. É a combinação perfeita para o integrante médio do proletariado brasileiro.

Sexta-feira à tarde. Os ponteiros do relógio estão preguiçosos e nunca chegam ao fim do expediente. No gabinete da assessoria de comunicação, reina o silêncio, ao mesmo tempo em que as mentes sambam em meio à rua ao ritmo das velhas e novas marchinhas. Passam-se horas, mas o maldito marcador de horas avança apenas cinco minutos.

Após uma tediosa eternidade, finalmente faltam três minutos para a saída. O trabalhador tenta esconder a ansiedade, em vão. É possível ver no rosto o desejo de cerveja gelada, do calor humano e da folia. Guardou os documentos, materiais e celular. Está a um passo da liberdade...

O telefone toca. Justo agora! Teve a tarde inteira para ligar! É melhor fingir que não ouviu e seguir a vida. O telefone insiste. E se for algum chefe? É melhor torcer para que seja engano ou algo rápido.

– Luiz Cláudio. Boa tarde?

– Boa tarde, meu nome é Luísa, sou da Rádio CBN. Aí é da assessoria de comunicação?

– É sim, senhora – “Lá vem!”, pensa

– Então, eu precisava fazer um pedido de nota...

– Sobre o quê, senhora?

– Sobre a reclamação de alguns moradores sobre uma obra de estrada em Samambaia.

– Nesse caso, terei que transferir para o órgão responsável pelas vias.

– Eu já tentei ligar lá, mas ninguém atende! Deve ser por causa do Carnaval...

– Não diga! – “Bando de vagabundos!”, diz para si mesmo.

Aquele projeto de jornalista complicava-se cada vez mais para tentar explicar o problema na estrada. Luiz Cláudio mal presta atenção. Apenas vê os colegas deixarem a sala, um a um, sorridentes. Dez minutos se passaram do fim de expediente.

– Senhora, eu não posso te dar uma resposta. Já não tem mais ninguém da área técnica aqui.

– Será que não é possível que ninguém tenha a capacidade de me dar uma resposta???

– Acredito que não agora, senhora. O expediente encerrou por hoje.

– Isso é uma vergonha! Só porque é Carnaval vocês se veem no direito de não responder mais nada! Vou ter que ligar para o secretário de comunicação...

Pronto. Lá se vai a farra da sexta. Tudo por causa de uma estagiária chata que pede tudo em cima da hora. E ainda veio pronta para brigar. O sermão consome mais quinze preciosos minutos.

– E agora, Luiz Cláudio, o que você sugere que eu faça?

– Eu não faço ideia, senhora – responde, desconsolado.

– Vocês não querem nem mandar uma nota dizendo que não vão se manifestar?

Luiz Cláudio para. Surge uma luz. “Como não pensei nisso antes?”

– Olha, você chegou a olhar o nosso site? Publicamos uma nota sobre esse assunto.

Silêncio por vinte segundos.

– Ah!!!! Era isso! Essa nota serve!

– Que boa notícia!

– Muito obrigada!

– Por nada, senhora.

– Um bom Carnaval para vocês! Mas juízo, hein? – ela diz, brincalhona.

– Pode deixar – ele responde, forçando a risada.

Desliga logo o telefone, antes que a foquinha tenha outra brilhante pergunta. Se é algo que não vou ter a partir de agora, é

juízo. Tranca a sala do escritório e corre pelos corredores vazios do edifício. O elevador se arrasta e demora um século para chegar. Os amigos começam a enviar fotos no grupo com a cerveja na mão e o samba no pé. Não vai nem passar em casa para trocar de roupa.

Finalmente, as portas se abrem. Aperta freneticamente o botão que leva à garagem. São 15 andares para serem descidos. No 7º, o elevador para. Impossível. Toca o alarme. Tenta ligar para o plantão de manutenção. Mal sabe que os funcionários não conseguem ouvir o telefone por estarem muito perto da avenida.

O socorro chega às 4h28 da madrugada. Luiz Cláudio perdeu até o gosto do Carnaval. Do jeito que é azarado, decide beber sozinho em casa, assistindo à Sapucaí.

Mindset



março

PASSOU A SEMANA DO CARNAVAL. Agora é para valer. Já se inscreveu na academia, começou a dieta, fez um *bullet journal*¹ lindo com todas as pendências do mês e organizou o guarda-roupa. As fantasias são penduradas e saem as roupas executivas. Sente-se forte, e nada é capaz de abalar o seu *mindset*.

Segunda-feira. O despertador toca e pula da cama. Arruma tudo logo, prepara um café reforçado, vai malhar e em seguida chega ao trabalho. Consegue terminar alguns relatórios pela manhã e os risca da sua lista de afazeres. Porém, à tarde as atividades começam a se complicar, e exigem um pouco mais de atenção. Além disso, a colega não ajudou e deixou as planilhas todas bagunçadas. Reorganiza tudo, e só então pode pôr as mãos na massa. Quando vê, deu o fim de expediente. Tudo bem, dá para terminar no dia seguinte. Volta para casa, prepara um jantar leve, assiste ao jornal e aproveita para dormir cedo.

Terça-feira. O despertador toca, mas não resiste e coloca uma soneca de mais cinco minutos. Uma preguiçinha não mata ninguém. Porém, atrasa-se um pouco e não consegue preparar o café. Para agilizar, pega um pacote de biscoitos e corre para a academia. O corpo está dolorido de ontem, mas vamos lá. Chega à empresa, e tenta terminar as pendências do dia anterior. Surge uma demanda de última hora: preparar uma apresentação para uma reunião convocada para o fim da tarde. É preciso consultar outros setores para reunir todas as informações. Acaba levando o resto do dia com a tarefa, mas deu certo. A reunião passou meia hora do horário, mas foi por uma boa causa. Chega em casa, pede um delivery

1 Bullet Journal: caderno para anotações das tarefas do dia. O objetivo é tornar as listas de afazeres em uma algo prático e fácil. Costuma ser personalizado com cores e traçados diferentes.

por estar sem vontade de cozinhar, e decide assistir a um episódio da série que começou. Como estava muito boa, decide ver outros dois capítulos e vai dormir um pouco mais tarde.

Quarta-feira. Nem ouviu o despertador tocar. Acorda com o sol batendo no rosto: faltam dez minutos para o seu horário de trabalho. Pega a primeira roupa que vê pela frente e corre. Logicamente, não tomou café nem passou na academia. Mesmo assim, chega 20 minutos atrasada. Justo hoje ela precisa acompanhar um evento, que já começou. Chegando lá, dá de cara com o olhar reprovador da chefe. É melhor sentar e fingir que nada aconteceu. Para compensar o atraso, pede uma marmita e continua no escritório no horário de almoço. Pena que não tem opção de refeição saudável para entrega, mas paciência. À tarde, tenta terminar aquele relatório do início da semana, mas está mega atrapalhada com o relatório do evento da manhã. Vai ter que deixar para mais tarde mesmo, e terminar depois do expediente. Horas depois, consegue entregar tudo, e finalmente vai embora para casa. Está tarde. Não tem ânimo nem para pedir comida e vai dormir sem jantar.

Sábado. Quinta e sexta foram tão infernais que não valem nem o registro. Resumindo, já desistiu da academia, comeu mais carboidrato que deveria, o *bullet journal* está todo rabiscado e bagunçado, vai tentar aproveitar este fim de semana para entregar os relatórios que faltam e, se sobrar tempo, maratonar as temporadas da série, para terminar logo. Enfim, a rotina volta a ser a mesma do ano passado.

CONFLITO

INTERGERACIONAL

abril



IV

A CHEGADA DO ANIVERSÁRIO sempre traz um misto de emoções: ao mesmo tempo em que é uma ocasião de festejar mais um ano de vida e relembrar o dia em que você chegou ao mundo, é a comemoração de que você está ficando velho e cada vez mais próximo da morte. Como se isso fosse mudar alguma coisa no curso da história. E para piorar, parece que a aposentadoria está ainda mais longe com as últimas mudanças na lei.

No trabalho, organizam uma festa para os aniversariantes do mês, pois não há dinheiro para comprar bolo para cada funcionário da empresa. Sempre tentam fazer surpresa, mas é um pouco difícil disfarçar quando todos se dirigem para uma mesma sala e, coincidentemente, as debutantes ficam para trás. Pelo menos, a intenção é boa. Agora é hora de ir despreziosamente para o recinto e demonstrar susto e gratidão.

Colegas felizes aplaudem e cantam. Na parede, pequenos cartazes desejando felicidades, sucesso, dinheiro, saúde e tudo o que todo mundo diz desejar para o outro nessas datas. Após os parabéns, é hora de repartir o bolo. Logicamente, o primeiro pedaço vai para o chefe, a pessoa mais querida do trabalho e sem a qual a vida seria terrível (sempre é bom demonstrar apreço). Tudo parece ir relativamente bem, mas um novo pensamento, perturbador, aflora à mente.

Há outro personagem que está fazendo aniversário neste mês. Ali está, entre os funcionários que conversam e riem na sala. Uma figura que talvez lhe dê mais medo do que o chefe: está completando 20 aninhos, magricelo, brilho no olhar e uma camisa xadrez. Sim, ele mesmo, o estagiário. Mas por que todo esse receio? O que esse moleque todo desajeitado poderia fazer de mau? Estagiário nem é gente direito.

Poucos percebem, mas ali está um dos seus maiores concorrentes do mercado de trabalho. Ao mesmo tempo em que está ultrapassando 30 primaveras vividas nesta terra, tem o grande potencial

de se tornar um ultrapassado: aquele menino sabe lidar muito melhor com a nova tecnologia emergente e tem grande disposição para receber um salário menor quando estiver formado. São apenas dez anos de diferença na certidão de nascimento, mas parece haver um abismo entre os dois. Quem ele pensa que é? Essas comparações só contribuem para que deteste ainda mais fazer aniversário. Por que, justo em um dia comemorativo, ele tem que se preocupar em disputar escassas vagas de emprego com um garoto que não sabe nem o que é a vida sem internet? Algo precisa ser feito.

Ao final da festinha, todos voltam às tarefas corporativas, à disputa capitalista e à garantia da sobrevivência. O estagiário volta a executar as tarefas menores, porém não menos importantes ou arriscadas para a manutenção do status quo. “Já sei o que vou fazer para esse moleque se colocar no lugar dele”, pensa o funcionário reprimido.

Abre o computador e elabora uma lista das tarefas mais complexas, longas e entediadas possíveis. Manda um e-mail para o seu lacaio, dizendo “favor, entregar até o fim do dia”. E é assim que mais um jovem brasileiro cai no ciclo da precarização do trabalho, sem entender o porquê. Será que fez algo errado? Será que aquela tarefa o ajudará a ser efetivado na empresa?

O aniversariante sorri por dentro, deliciado com sua soberania sobre ao menos uma pessoa. Pode até ser que aquele garoto ocupe o seu lugar algum dia, mas ele quer tirar o máximo proveito da fragilidade alheia. Enquanto isso, aproveita para abrir as redes sociais e agradecer pessoalmente a cada pessoa que, carinhosamente, lhe enviou uma mensagem de aniversário. Tem que aproveitar a ocasião, enquanto ainda se enquadra na população ocupada.

R-o-t-i-n-a



maio

V

NADA COMO UM FERIADO para iniciar o mês. É o mínimo, após meses de trabalho intenso, horas extras não remuneradas e cabelos brancos nascidos. O Dia do Trabalhador nasceu de uma greve nos Estados Unidos, e ainda hoje relembra o movimento grevista que cobrava a redução da carga horária para oito horas diárias. Especialistas dizem que naquela época os operários chegavam a trabalhar 16 horas por dia. Ainda bem que hoje não é mais assim.

Aproveita para dormir até mais tarde e tentar recuperar algumas horas de sono. Consegue imaginar o café da manhã maravilhoso que vai preparar. Geralmente, só dá tempo de passar manteiga no pão e tomar uma xícara de café para evitar o trânsito intenso, embora seja quase impossível escapar de um pequeno trecho de engarrafamento. Hoje é dia de comer direitinho, preparar vitamina, ovos mexidos e comer salada de frutas.

Ao se dirigir à cozinha, lembra-se de algo importante: tinha que ter enviado um e-mail para a secretária no dia anterior para reservar a sala de reuniões para sexta. Ai, Deus! Será que dá para mandar depois? Não, é melhor mandar logo, para não esquecer mais. O bom é que dá para passar o resto do dia tranquilo.

Liga o notebook e abre o e-mail. A caixa está cheia de demandas de colegas, de clientes e do chefe! E agora? Tudo bem, dá para resolver depois. Envia a mensagem para a secretária, para que ela veja logo cedo no dia seguinte. Hora de voltar ao café da manhã. Nossa, mas não dá para deixar tanta coisa sem responder! Vai que o chefe precisa disso o mais rápido possível para tomar alguma decisão, ou que os outros funcionários precisem daquelas informações para finalizar um projeto atrasado? É melhor concluir agora mesmo.

Acaba que os e-mails são mais difíceis do que pareciam, e tem que fazer algumas pesquisas adicionais na internet. Dá um pulo rápido na cozinha para pegar um pão e uma xícara de café, e voltar rapida-

mente para o computador. Quer acabar logo para poder aproveitar o feriado e assistir o jogo que vai acontecer à tarde.

Finalmente, consegue responder todas as mensagens. Está na hora de almoçar e decide sair para não ter que sujar a louça. No restaurante, a TV transmite as principais notícias do dia, principalmente relacionadas a dados de emprego, movimentação do feriado e programação cultural da cidade. Nossa, realmente o desemprego está muito alto. Ainda bem que ele tem um salário garantido, um teto e uma vida estável.

No mesmo instante, uma notificação chega à tela do celular. É o chefe perguntando sobre um dado recebido no e-mail. Está questionando a fonte das informações, e se aquele é o relatório final mesmo. E agora? Não pode deixar de responder. O pior é que a fonte que tinha consultado primeiramente está em um arquivo no computador no trabalho. Não dá para passar lá.

A voz do jornalista descrevendo os dados de desemprego ressoa na sua cabeça. Ah, não custa nada dar uma passadinha rápida no escritório. É só consultar o arquivo e sair. Diz para o chefe que está buscando o dado, pede uma marmita no restaurante e corre para o trabalho. Ao chegar, entra na sala vazia e liga o computador. Repara nos vários post-its com pendências da semana. Mas não é hora de olhar para isso agora. Foco no documento.

Encontra o arquivo, e confirma a informação para o chefe. Parece que ele se acalmou agora. Junta as coisas para sair, e se depara com uma pilha de documentos que não tinha visto antes. Em cima, um recado da colega, pedindo a aprovação dos contratos o mais rápido possível, pois já estavam perto do prazo. Quando vê a validade dos papéis: dia 2 de maio. Tem que chegar com tudo aquilo pronto no dia seguinte, caso contrário, não vai dar tempo. Leva a pilha para casa.

Já é quase hora do jogo, mas não dá para abandonar os papéis. Deixa a TV ligada em um volume baixo, enquanto analisa linha por linha dos contratos. Opa: percebe que esqueceu a marmita no trabalho e, portanto, nem almoçou. Só vai dar para pegar outro pão na cozinha e tomar uma xícara de café mesmo. Começa a ler os do-

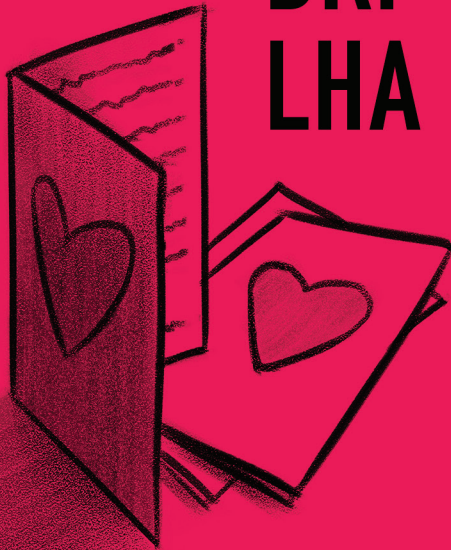
cumentos. Está atento a cada detalhe, para que nenhum erro mínimo passe. De tempos em tempos, faz pequenas anotações a lápis, apondo correções necessárias.

Quando termina a pilha, percebe que o jogo acabou há uma hora. Estava tão atento que nem ouviu os gritos de gol da vizinhança. Pelo menos, seu time venceu. Como está cansado, decide tomar banho para depois ler um livro e relaxar um pouco. Depois da ducha, olha o celular: surge o lembrete da apresentação importante para o dia seguinte, e ele sequer começou a prepará-la. Terá que resolver isso agora, pois amanhã não vai ter tempo para isso, e tem de estar com o material pronto. Pega um pão na cozinha e volta ao trabalho.

Pronto, terminou. Olha para o relógio – 00:30. O feriado terminou e ele nem percebeu. Paciência. Pelo menos não está com tantas demandas atrasadas. Agora é preciso dormir para sobreviver a mais um dia de trabalho. Como ainda está agitado, demora a pegar no sono e dorme efetivamente cerca de cinco horas.

Não parou para pensar nisso, mas trabalhou cerca de 16 horas nesse feriado, sem o registro de qualquer ponto.

QUA DRI LHA



junho

VI

QUEM NÃO CURTE UMA FESTA JUNINA? Ambiente agradável, comida boa, decoração alegre e música típica. Em Brasília, a comemoração de São João chega a ser tão popular que as festividades começam em maio e terminam em agosto. Só não tem outras porque as pessoas estão falidas.

Além de todas as vantagens de se participar de uma festa junina por si só, pode ser a ocasião ideal para a realização do sonho de tantos jovens (ou não tão jovens): encontrar o amor da sua vida, a alma gêmea, a metade da laranja. Para isso, o correio elegante talvez tenha sido uma das invenções mais engenhosas da humanidade. Muito melhor do que qualquer rede social, é simples, eficaz, charmoso e, talvez o mais importante, barato. Basta escrever um bilhetinho em um papel de coração para o ente almejado, e vocês já são um casal em potencial.

Claro que não basta isso. A mensagem precisa ser correspondida. Que sensação maravilhosa a de receber um outro coração de papel com uma piadinha, um elogio ou um pedido para dançar quadrilha! Por outro lado, como é horrível a festa acabar e não ter recebido nem uma negativa! É pior do que quando você manda mensagem e a pessoa visualiza, mas não responde.

A moça responsável pelo correio elegante é simpática, usa um vestido caipira cor-de-rosa, tranças nos cabelos e sardinhas pintadas no rosto. Os papéis estão organizados em uma cesta de vime, ao lado de canetinhas coloridas e fitas de diversos tamanhos. Ela circula pela festa, sorridente, convidando a todos e tentando formar novos pares felizes para sempre.

Porém, já se passou uma hora e meia, e apenas três bilhetes saíram da caixa: dois trocados por marido e mulher e o de uma criança, que não entendeu a função e quis mandar um desenho para sua mãe. De qualquer forma, é um bom começo para a infância.

Tem sido cada vez mais difícil espalhar os bilhetinhos de amor. Olha para um lado, e vê algumas meninas deslizando a tela no

Tinder, à procura de um *boy*. Do outro, estão garotos sentados, assistindo a um jogo que passa na TV, aparentemente desinteressados em dançar quadrilha ou qualquer outra coisa.

Suspira. Não se fazem mais jovens como antigamente. Ainda se lembra do primeiro correio elegante que recebeu, do encanto e da magia de tentar descobrir quem tinha mandado aquela mensagem singela e maravilhosa: “Oi! Quer dançar comigo?” Foi daí que surgiu a paixão pelo encargo de cupido junino. Fazia anos que zelava pela tradição e se empenhava por espalhar corações pelos ares. Se tinha algo que a deixava triste, era ver todo o potencial de um romance resumir-se a algumas mensagens monossilábicas em aplicativos.

Senta-se, depois de várias tentativas fracassadas de convencimento juvenil. Está cansada e quer comer alguma coisa, para ver se a tristeza passa. Enquanto come, alguém se aproxima e pergunta:

– Com licença, moça. Quanto custa para mandar um correio elegante?

Ela levanta os olhos, esperando encontrar algum quarentão que quer mandar uma mensagem para esposa. Qual não foi a surpresa, ao se deparar com um garoto novinho, que deve ter menos de 20 anos, com um sorriso tímido e bochechas avermelhadas.

– São dois reais, moço – ela responde, tentando disfarçar a emoção.

– Ai, que bom! Olha, eu queria mandar para aquela menina ali, mas não sei o que escrevo.

– Pode deixar que te ajudo!

A alegria volta àquela moça. Ela ajuda o menino a escrever o bilhete e entrega. Após minutos de tensão (tanto dele quanto da entregadora), a garota finalmente responde! Deu certo! Agora, ela só observa: ambos vão dançar quadrilha, e conversam até o final da noite. Melhor ainda: trocam telefone ao saírem da festa.

A sensação de dever cumprido ocupa a mente. Pode ser que essa geração não esteja completamente perdida. Finalmente tem um *case* de sucesso para inspirar outras gerações.

COLÔNIA
de férias



julho

VII

SE NÃO BASTASSE A ROTINA puxada de trabalho, as crianças estão de férias na escola e ficam atazanando o dia inteiro desde casa. A cada cinco minutos, o celular toca.

- Mãe! O Lucas não deixa eu jogar videogame!
- Minha filha, eu estou trabalhando. Vocês têm que se resolver aí.
- Mas, mãe! Ele nunca me escuta!
- Olha, por que vocês não jogam algum jogo juntos?
- Ele só quer jogar futebol!
- Vamos combinar o seguinte: vai brincar de outra coisa. Aí

o Lucas joga uma hora e depois você joga mais uma, tudo bem? Deixa eu falar com seu irmão.

Após alguns resmungos do irmão mais velho, fica terminada a conciliação. Menos um problema para resolver. Onde estava antes da ligação? Ah, sim, as planilhas. Centenas de células precisam ser organizadas, estudadas e traduzidas em um relatório. Passa uma hora, e o telefone toca novamente:

- Mãe! A Luísa está brigando comigo!
- Como assim, André?
- Ela não quer deixar eu jogar com ela e me chamou de gordinho!

Pobre mãe. As numerosas conversas com os filhos sobre as interrupções no trabalho e os horários de jogo não conscientizaram as pequenas mentes. Olha para o calendário. Só se passaram três dias desde o início das férias da escola. Restam 25. Não dá para continuar assim.

Depois de outras quatro ligações inconvenientes e de sair do trabalho, conversa com o marido, e ambos têm uma ideia brilhante: colocar as crianças em uma colônia de férias! É o plano perfeito, e elas vão gostar.

Depois de meia hora de protestos infanto-juvenis, resmungos e até mesmo lágrimas, mete os filhotes no carro e os deixa no clube onde está ocorrendo a colônia de atividades. Cada um vai para

a turma indicada para sua idade e, após a despedida, a mãe corre para o trabalho. Só o fato de estarem divididos e afastados entre si já vai dar um alívio muito grande.

Realmente, parece que fez diferença: passaram-se duas horas e nenhuma ligação recebida. É tão bom poder se concentrar no trabalho. Até dá para deixar o celular no silencioso por um tempo. Espere. Duas horas e nenhuma notícia das crianças? Será que está tudo bem mesmo? “Que bobagem!”, pensa. “Você está parecendo aquelas mães de primeira viagem, que não podem ficar cinco minutos longe do filho. É claro que está tudo bem.”

Outros 60 minutos, e nenhuma chamada. Está começando a se tornar um silêncio ensurdecedor. Será que André não abriu nenhuma birra durante as atividades? E Luísa, será que conseguiu encontrar alguma amiguinha, ou acabou ficando sozinha e com vergonha? Será que Lucas não se machucou fazendo mais uma de suas estripulias? A tentação de pegar o celular e ligar para a colônia de férias é torturante. “Calma, falta apenas uma hora e meia para acabar por lá”. Agora toda a concentração foi embora e se transformou em ansiedade. Tomara que esteja tudo bem.

Passam 45 minutos. Não consegue resistir, e decide ir buscar os meninos mais cedo. Mesmo que não tenha acontecido nada, devem estar cansados e morrendo de saudades um do outro. Sai mais cedo do trabalho e acelera até o clube, como se estivesse dentro de uma ambulância.

Ao chegar lá, depara-se com um panorama inacreditável: André está todo sorridente, jogando bola com outros colegas. Parece que nem lembra que é viciado em videogame. Na outra turma, Luísa conversa com outra menina, falando como se nunca tivesse sido tímida. Lucas nada na piscina, sem pular da borda ou tentar afogar outras crianças.

Quando diz que vão embora mais cedo, protestos, resmungos e lágrimas: ninguém quer ir embora. No caminho de volta, reclamam de a mãe ter tirado toda a diversão. Que tipo de lavagem cerebral fizeram com seus filhos para gostarem tanto? É impossível! Seria um milagre, ou um pesadelo?

Desmatricula os meninos da colônia de férias. Não iria aguentar de saudade os próximos 24 dias.

PROCURA-SE



UM FERIADO

agosto

VIII

O CÉU PARECE ESTAR MAIS CINZA, um triste silêncio toma a cidade, o tédio toma conta: começou agosto, mais conhecido por muitos como o “Mês sem Fim”. Na véspera do dia 1º, encontro mensagens lamuriosas nas redes sociais e brincadeiras de que entramos no mês que tem 365 dias.

Interessante notar que, até julho, ouvimos (ou inclusive dizemos): “Nossa! Como o tempo passou rápido!”, “Meu Deus, mas já?”, “Isso não aconteceu no mês passado?” e por aí vai. Porém, basta virar a chave do mês de agosto para o tempo andar em câmera lenta.

Não podia ter pelo menos um feriadinho no mês? Não precisa ter um motivo especial! Pode ser apenas algo como Dia Nacional do Repouso. Para garantir que ele não caia no fim de semana e seja desperdiçado, bastaria definir como a segunda terça-feira do mês, assim como as datas do Carnaval, da Páscoa e do Corpus Christi variam de ano para ano.

Os nossos deputados têm tantos projetos para instituir dias nacionais do não sei o quê... Basta que um deles apresente um simples projeto de lei que, independente do seu partido, será aprovado por unanimidade e obterá uma das maiores aprovações populares na história deste país. Ou então, pode-se criar um projeto por iniciativa popular: seria possível não obter assinaturas de 1% de todos os eleitores brasileiros?

Enquanto não ganhamos nosso merecido feriado, posso imaginar as tarefas entediadas, dias cansativos, noites dilacerantes, semanas intermináveis... Mas, um momento: 1º de setembro de 2019? Já passou? Não é possível! Este ano está sendo muito atípico até nisso. Não deu nem tempo de reclamar direito! Supliquei tanto para que o mês acabasse logo que agora me faltou tempo para fazer tudo o que precisava! Dá para voltar um pouco?

Parece que minha teoria sobre o Mês sem Fim acaba de ruir. Deve ser um sinal do final dos tempos mesmo...

Anseios de
liberdade
setembro



IX

TODA CIDADE QUE SE PREZE organiza um desfile de 7 de Setembro. Ou pelo menos uma singela homenagem. Afinal, são quase dois séculos de independência da família real portuguesa (tirando o fato de que nosso primeiro imperador pertencia a essa linhagem, mas não vem ao caso), o que merece toda a consideração do povo brasileiro. Talvez seja por isso que tanta gente se una para prestigiar as Forças Armadas nas principais avenidas do país, com especial destaque para Brasília, que sempre conta com a participação das nossas autoridades máximas.

Passam fardas pomposas, sapatos engraxados, elmos reluzentes, cavalos charmosos, armas mortíferas, instrumentos intrépidos, enquanto olhos admirados e câmeras de celular registram tudo nas respectivas memórias. Estão hipnotizados pelo poderio militar e pelo sentimento de liberdade que isso representa. Tudo é um simbolismo da soberania nacional, da liberdade de não estar subjugado a ninguém.

Talvez a causa de tanto fascínio por parte da multidão venha de um desejo interior de cada um, de almas que estejam isoladas no cativado da rotina e desejam ser soberanas das próprias vidas. Querem ter o mesmo poderio e conquistar a independência, sem responder a nada nem ninguém. Anseiam pela liberdade pura e simples.

Mal percebem que aquilo é uma mera encenação: o Brasil continua sendo um país dependente de tudo e de todos. Basta olhar para o passado e presente: importamos tecnologia, vendemos nossas riquezas aos interesses dos grandes, copiamos culturas, desvalorizamos nossa história. Diz-se que o tempo cura as feridas, mas a nossa parece ser tão grande que acaba se abrindo cada vez mais. Quase dois séculos da independência se passaram, mas independência do quê? Talvez a família real portuguesa tenha apenas mudado de figura.

Continuamos na mão dos poderosos e aproveitadores da ignorância, do messianismo que, no lugar de trazer libertação, fortalece as cadeias e impede a formação das consciências. Resultado: nem o país é livre, nem o povo. E ao olhar para o futuro, pelo menos um que esteja próximo, o panorama não é muito consolador. Quanto tempo falta para conquistarmos nossa verdadeira independência?

Mas é importante comemorar a data. É como se fôssemos verdadeiramente livres em um dia do ano. Canções, brados retumbantes, uniformes compostos, animais e homens disciplinados são o grito sufocado de uma independência que tarda em chegar.

Infanticídio



outubro

FAZ ALGUNS ANOS QUE NÃO ganha mais presentes no Dia das Crianças. Aliás, deveria começar a dar alguma coisa para os priminhos. Porém, recém-formado, sem trabalho e vivendo debaixo do teto dos pais, fica impossível pensar em comprar qualquer coisa que não caiba na mísera mesada.

É apenas mais um ponto percentual nas estatísticas de desemprego no país. Entretanto, não deixa de movimentar minimamente a economia: é preciso comer, pagar as contas, acessar a internet, ir à terapia, tomar remédios para problemas simples como dor de cabeça até mais sérios como depressão, pegar metrô e beber um pouco, caso sobre algum dinheiro. Tudo isso com a única fonte de renda localizada no bolso de papai e mamãe. Até que não está mal. Se encontrar um emprego, tem que esperar alcançar maior estabilidade para sair de casa. Pensando bem, não tem tanta pressa.

No fundo, continua sendo uma criança, dependente dos pais econômica e emocionalmente. O que acontece com tantas pessoas (em que talvez estejamos incluídos) sem idade para ganhar presente neste feriado, mas que permanecem na infância? Algo nesse ciclo não fecha.

Curioso pensar que os pais do nosso *case* procuraram dar uma formação completa para o pimpolho, justamente algo que não tiveram: boa escola, idiomas, artes, música, esporte, computação, gastronomia, *coach* e tudo mais que inventarem por aí. Teoricamente, o filhote deveria ter mais facilidade para se consolidar, não só no mercado de trabalho, como na vida.

Porém, no meio de tantas atividades, faltou dar-lhe mais alguma coisa: o próprio direito à infância. Essa criança teve que se tornar adulta muito cedo, por volta dos 6, 5, 4 anos. No lugar do brinquedo na mão, estava com a apostila de inglês. No tempo em que podia ralar os joelhos num parquinho, aprendia a fazer

simulado na escola. Foi ensinado a olhar para os amiguinhos da sala como concorrentes no mercado de trabalho... A vida, no entanto, cobra o ser criança, algo que não se recupera rapidamente como um feriado.

Dessa forma, os anos passam e o corpo pode até amadurecer, mas a criancinha ali dentro não tem essa chance. Ou ela sofre uma metamorfose para a fase adulta, ou ficará presa para sempre na crisálida, tão protegida que, ao invés de desenvolver, aprisiona. Nosso *case* talvez esteja nesse estágio de (in)desenvolvimento. Para ultrapassá-lo, será preciso superar ainda muitos Dias das Crianças. Provavelmente, sem a ajuda de papai e mamãe. Só o tempo dirá. Ou não.

TRÂNSITO



novembro

XI

EXISTEM ANIVERSÁRIOS DURANTE TODO O ANO: de nascimento, de casamento, de formatura, de trabalho em uma empresa, de “amizade” nas redes sociais, e por aí vai. Em geral, são datas comemorativas, motivos de alegria, reunião de amigos, declarações carinhosas, além de outros componentes do kit festa. Porém, sempre há um aniversário que ainda não vivemos, o qual somente outros vivenciaram antes de nós: o aniversário de óbito, a chegada à pátria definitiva. Ainda que evitemos pensar nesse acontecimento, um feriado chega todos os anos para nos lembrar do nosso próximo destino, que, aliás, pode estar mais perto do que imaginamos.

Campo da Esperança, 2 de novembro. Nos outros 364 dias do ano, o local costuma ser habitado apenas por gente morta e alguns conhecidos que vão depositar quem já concluiu a viagem. Apenas no dia de Finados o lugar parece ganhar vida ao receber milhares de pessoas vivas, carregadas de flores, velas, cartões e outras lembranças para os entes queridos. A maior parte da multidão se concentra na área das covas simples, com apenas uma lamparina identificando quem jaz naquele pedaço de chão, enquanto o restante parte para uma área mais arborizada e bem cuidada, com espaços mais confortáveis para o falecido.

Aliás, algumas vidas, ou melhor, mortes, valem mais: um jazigo de uma gaveta sem cessão perpétua custa cerca de R\$ 700, enquanto o de três gavetas mais a cessão perpétua chega a custar cerca de R\$ 3.100. Ou seja, para ficar perto de sua família, é preciso vencer a barreira monetária. Sem contar as despesas com o cerimonial na hora da despedida e na manutenção posterior do túmulo. Morrer é uma coisa cara. Mesmo o destino sendo o mesmo, independentemente de religião, cor ou classe social, a forma de empacotamento muda.

Outros cidadãos compõem a paisagem e podem facilmente passar despercebidos em meio à tempestade emocional: os

coveiros. Apesar de se moverem e trabalharem, tenho dúvida se realmente estão vivos. Em geral, são seres distantes, silenciosos, impávidos, preocupadas em abrir e fechar buracos na terra. Eles têm a triste tarefa de interromper velórios, pois não há mais tempo (a não ser que se pague mais), e de sepultar para sempre o que restou da pessoa amada. Surpreende a frieza ao executar o serviço como se estivessem tirando algumas ervas daninhas do solo. Claro que o contato contínuo com a morte deve tê-los feito se acostumar, mas custava ser um pouco mais cavalheiro e tratar com dignidade o defunto e a família? Como será o enterro desses personagens tão peculiares? Essa questão já passou pela cabeça deles?

Voltando aos enlutados, a maioria dos quais só pisa no cemitério neste dia, é possível imaginar uma história para cada olhar que passa pelas ruínas entre as covas: aquela senhora seria viúva e veio visitar o que sobrou do esposo? E aquele casal, tão jovem, teria vindo visitar algum de seus pais ou um filho pequeno que perderam muito cedo? Aquele militar levado por soldados em um jazigo com uma bandeira teria tombado em alguma missão? Aqueles irmãos que estão chorando pela mãe agora brigarão por uma fatia da herança daqui a uns dias?

Entre as missas, cultos, pequenas visitas e outras celebrações, há um abismo silencioso na maior parte dos endereços. Os familiares teriam morrido também? Ou essas almas estariam mortas nos corações? Quem será o defunto há mais tempo sozinho, sem receber uma oração ou um olhar de carinho? Há um setor mais afastado e solitário, onde se encontram os indigentes: histórias tão sofridas que terminaram inclusive sem a companhia de alguém solidário por perto.

Coroas, ramalhetes, botões pequenos são depositados em sinal de homenagem. É tudo o que é possível fazer pelo ente querido agora. Será que esses parentes davam flores quando havia alguém mais entre eles? Ou é um presente mais adequado para os mortos? Essas plantas, tão singelas, puras e charmosas, acabam se unindo ao falecido e tornam-se um esqueleto ressequido, em um

processo tão rápido como o passar dos dias. A cada ano, cresce a população floral do cemitério, o qual também registra o maior crescimento populacional. Não há taxa de evasão ou mortalidade, pois todos os que nascem ali são habitantes eternos. Haverá uma explosão demográfica daqui a alguns anos? Provavelmente, e novos campos silenciosos serão abertos.

Chega o entardecer, o 2 de novembro termina, e todos têm que voltar à rotina. Pouco tempo depois, as flores murcham (com exceção das de plástico), as velas apagam, e os cartões se desfazem ou são levados pelo vento. O cemitério volta a ser habitado por mortos e mais alguns seres vivos. Por trás de cada morto ali, há dezenas de vidas que ficaram para trás, aguardando o seu momento também. Ao passar por esses recantos silencioso, a mente enfrenta um turbilhão: e eu? Quando vai ser meu momento? Existe algo além daqui? O que estou fazendo? O que vai ser da minha família? E tantos outros questionamentos...

É a morte que nos faz pensar na vida. Refletimos se vale a pena essa correria maluca, o dinheiro que acumulamos, os títulos profissionais. Talvez um propósito de melhora surja, e até coloquemos em prática por alguns dias, mas na semana seguinte ele também é enterrado, dessa vez na memória, e seguimos em frente. Apenas um desejo permanece, ainda que inconscientemente: o de demorarmos a virar um dado estatístico do local.



Crash
na bolsa
dezembro

XII

O FIM DO ANO PODE ATÉ SER uma das épocas mais gostosas do ano: presentes, festas, comida boa e reuniões com a família (ok, talvez não seja tão gostoso assim, dependendo da família). Porém, também significa a entrega de toda a demanda atrasada, balanço da empresa, definição de metas para o próximo ano e confraternizações com amigo oculto por todos os lados. Não há sã consciência nem bolso que aguentem. Justo agora que as energias e o dinheiro faltam, as pendências e os gastos entram em uma grande progressão geométrica.

Com o acúmulo de trabalho, é preciso ficar mais tempo confinado no escritório. A compra de presentes e da ceia terão que esperar. Na agenda, as tarefas disputam espaço para serem concluídas primeiro. A essa altura do campeonato, algumas nem entrarão na competição e outras serão deixadas para trás. A cotação do valor dos minutos disparou significativamente na bolsa de valores do ano. Já faz anos que esse câmbio não se desvaloriza, mas tem apenas tendência de alta. Há grande risco de *crash* nas ações se não conseguir equilibrar a balança comercial de atividades.

Mesmo com o ritmo vertiginoso e a luta pela sobrevivência, ainda sobra um espacinho no cérebro para pensar. Enquanto realiza os balanços que o chefe pediu, a consciência também processa os ganhos e despesas ao longo do ano. “Meu Deus! Como passou rápido! O que vai ser de mim ano que vem?” Desfilam pela mente os projetos que, outra vez, não saíram do papel; as horas excedidas no trabalho e perdidas com a família; os cafezinhos que nunca foram marcados; os amigos esquecidos na lista de contatos; as mensagens e postagens nas redes sociais; os filhos, que aparentemente tiveram um surto de crescimento nos últimos dias...

Mas nada de ser fatalista. Afinal, é uma época feliz e houve muitas coisas boas. Chegam agora na passarela mental os cansaços superados; as tarefas difíceis concluídas; as risadas com colegas e

família; as refeições que fizeram juntos, poucas, mas felizes; o orgulho das crianças, que estão se destacando na escola... Está certo: poderia ser melhor, mas também não é nenhuma tragédia.

“Como eu queria ter tido mais tempo.” Porém, não há como voltar. Resta terminar o que é possível e partir para novos desafios. Inclusive, já começou a fazer a conhecida listinha de metas para o ano que vem: novos projetos profissionais; estar mais presente na vida dos filhos; trocar de carro; emagrecer. É mais ou menos o que tinha pensado na virada do ano anterior, mas agora vai! “Aliás, onde foi que eu deixei a lista desse ano mesmo?”

Nas ruas, volta a ressoar o hino da esperança: “Adeus, ano velho... Feliz ano novo...” No fundo, o coração quer cantar a melodia e fazer sua própria virada.

